

te 1962, quinze exposições. Em fevereiro fazia praça do seu acervo, para retomar com uma bonita exposição de temperas de Renée Lefevre as exposições individualizadoras. Seguiram-se a de Andrade Filho, Heloisa Freire de Carvalho e Euridice Bressani.

Mário Zanini efetuou, então, uma exposição que teve boa aceitação, a que sucedeu no catálogo pintura de Americo Mondañez, Heinz Kühn e Yola Cintra foram os que se seguiram. O retorno de Takaoka ocupou o mês de setembro. Seguiu-se a pintura de Francisco Gallotti. Uma pintura ainda — Lilla Pereira da Silva. Houve depois a exposição de Teresa d'Amico, substituída pelo primitivo Neuton.

Moby e Renée Lefevre foram os melhores artistas apresentados durante o ano pela Casa do Artista Plástico, devendo-se abrir uma citação para o caso, ainda não amadurecido, da pintora Heloisa.

De toda a forma, porém, o movimento de vendas da galeria correspondeu bem ao esforço que ali se produz e que não se serve de nomes consagrados, o que acresce a importância da tentativa.

SELEARTE, UMA NOVA GALERIA

Já foi feita na cronica diaria uma referencia mais demorada á Selearte, colocada na rua Augusta n.º 2.706, ou seja a mais distanciada galeria do centro da cidade. Não há duvida que a nova galeria se situa bem na linha de outras duas, a Miani e a Sístina, esta pioneira na rua Augusta. Distribuída numa adaptação que quase participa do desdobramento do labirinto, a Selearte realizou a exposição mais extensa e mais importante que Danilo Di Prete já teve em S. Paulo, individualmente. E sua pintura pode ser bastante apreciada.

Estreando tão auspiciosamente, a Selearte apresentou a seguir uma exposição de dois artistas que deixaram a desejar: José Maria de Souza e Mira Schendel. Nestes meses de dezembro, a Galeria apresenta desenhos de Maciej Babirski e G. Lizarraga.

OS ARTISTAS DA GALERIA VILA RICA

Tendo o desenvolvimento de seu programa sofrido algumas alternativas, mesmo assim a Galeria Vila Rica apresentou, no decorrer do ano, exposições mencionadas. A mais importante foi sem duvida a de gravuras de Mário Toral, um chileno da nova geração, que expôs em maio. Antes, Francisco Pettit realizou uma exposição de bastante interesse. Em junho, esteve presente á Vila Rica o pintor Ionaldo, com abstrações a óleo, e em agosto o desenhista Mundt. Em outubro, Maria Cecilia Manuel-Gismonti reuniu na galeria desenhos e biografias. Seguiu-se a exposição de guaches de Helena Maria. A esta exposição sucedeu a pintura ingenua e poetica de José Inacio, que se encerrou em dezembro, com notavel sucesso de critica.

DOIS MESTRES DESAPARECIDOS

Desapareceram, no periodo, dois mestres da moderna pintura brasileira: Candido Portinari e Alberto da Veiga Guignard. Ambos floresceram na década de trinta, mas tiveram destino diverso, embora sua influencia tenha deixado marca profundamente impressa na vida artistica do País.

Candido Portinari desapareceu em 6 de fevereiro deste ano, e seu renome internacional, indiscutível, deve-se em grande parte á sua atuação nas grandes iniciativas oficiais, a partir do papel que teve na decoração do Ministerio da Educação, e a terminar nos grandes afrescos para a ONU. Pintor dotado de muita facilidade técnica, Portinari deixou uma obra de grande envergadura, em desenhos, retratos, quadros a óleo, decorações e painéis, de que os principais são as pinturas para a Biblioteca do Congresso, em Washington, a série bíblica, o "Tiradentes", para Cataguazes, "A primeira missa", "A chegada de D. João VI ao Brasil". O pintor não ficou apenas nos grandes trabalhos, e uma parte considerável de ilustrações para diversos livros, ocupou a sua atenção. Tendo começado com a extinta Universidade do Rio de Janeiro, um Curso de Pintura, Portinari influenciou, diretamente, muitos artistas da geração que sucedeu á sua. Infatigável trabalhador, atribuiu-se a sua morte á propria pintura, envenenado, como foi pelas tintas que usava.

Guignard era em tudo outro tipo de artista: tendo se formado na Europa, construiu uma pintura que buscava uma ressonancia popular. Dotado de um temperamento poético e boêmio, jamais se preocupou com o exito artistico nem financeiro. Viveu para a pintura, e sua unica preocupação foi lançar em Minas Gerais uma contribuição nova num meio virgem — dar aos jovens da escola que criou em Belo Horizonte, por assim dizer do nada, uma orientação e um interesse. Passou seus ultimos tempos na área de Ouro Preto, onde os mineiros, piedosamente, veneram a sua passagem luminosa. A casa doada ao artista transforma-se num Museu.

A pintura de Guignard, de um indiscutível cunho pessoal, apresenta na historia da arte brasileira uma face de marcante originalidade, em que fortes traços característicos assinalam a revelação perene de um artista, intensamente preocupado em expressar as gentes e as paisagens.

ESTADO 9/11/63

WIL-9/18

Desliga-se o MAM da Bienal; inauguradas novas galerias de arte

Em maio deste ano foi anunciada a separação da Bienal de S. Paulo como Fundação, do Museu de Arte Moderna de S. Paulo, donde ela emergira. A nova entidade passou então a desenvolver um trabalho completamente independente, com seus estatutos próprios e seu programa de trabalho, voltado para a realização da VII Bienal de S. Paulo. Esse acontecimento mais importante do ano — o Museu de Arte Moderna de S. Paulo, ainda funcionando no Ibirapuera, passará a integrar-se na vida universitária de S. Paulo, para o que um edificio lhe será destinado, na Cidade Universitária.

Após o encerramento da VI Bienal, o MAM pouco pode fazer dada a nova estruturação por que passava, e promoveu, no primeiro semestre, uma exposição de gravura e aquarela norte-americanas, seguindo-se uma exposição de cartazes poloneses e de desenhos de Tadeuz Kulisiewicz. As atividades do MAM, em 1962, encerraram-se com a exposição Seleção de Obras de Arte Brasileira da Coleção Ernesto Wolf, um dos maiores colecionadores do País, com grandes serviços prestados á arte brasileira.

Por seu lado, o Museu de Arte de S. Paulo, que prossegue na construção de seu edificio próprio, na Av. Paulista, assinalou o 15.º ano de sua existência. Algumas iniciativas ali se assinalaram, no rodizio das exposições, cabendo destacar a dos desenhos infantis da Escola Inglesa de S. Paulo, a de Pintura e Desenho de um grupo jovem do Rio, 11 alunos do pintor Frank Scheffer. A Alemanha Ocidental colocou no Museu uma demonstração notável, "A boa forma na industria". Do Japão veio uma exposição de Desenhos de Crianças, e do Mexico uma coleção de gravuras do célebre José Guadalupe Posadas, o mestre das "Calaveras".

Infelizmente, houve a registrar, em novembro ultimo, o desaparecimento da secretaria-geral da Bienal, sra. Wanda Svevo, quando buscava chegar ao Peru para organizar para a Bienal uma exposição de arte pre-colombiana. A sra. Dinah Lopes Coelho acaba de ser convidada para substituir a operosa extinta, e já começou a trabalhar para a Bienal. Esta conta com a adesão, até agora, de 25 países.

A Fundação Armando Alvares Penteado prosseguiu com os cursos de sua Escola de Arte. O Premio Leirner foi atribuído mais uma vez — os planos de seu prosseguimento foram interrompidos pelo falecimento do seu benemérito doador, sr. Isai Leirner.

GALERIA DE ARTE S. LUIZ

Imprimiu a Galeria de Arte S. Luiz, este ano, um ritmo altamente qualificativo á sua programação, e a simples enumeração de suas exposições é suficiente para comprovar esta assertiva. Expuseram, na S. Luiz, durante 1962, Antonio Santiago Areal, Fayga Ostrover, Aldemir Martins, Elisabeth Nobbling, Paolo Rissóns, Roberto de Lamônica, Francisco Dockinger, Gerda Brentani, Donato Ferrari, Sheila Brannigan, Adam Feñkeas, Franz Kracjberg, Yolando Mohaly, Liuba Wolf, Marcelo Grassmann, Nicolas Vlavianos, Fernando Lopes, encerrando o ano o desenhista Abelardo Zaluar.

GALERIA AMBIENTE

A veterana Galeria Ambiente apresentou este ano, principalmente, gráficos, com os desenhos de Ely Bueno, Lucy Freund, as gravuras de Braz Dias e Moacyr Rocha, a calligrafia de Obayashi. Destacou-se uma exposição de Arte Negra, a segunda que a Ambiente realiza, e também teve um relevo excepcional a exposição das gravuras de Gerson Knispel, para o livro do poema de Bertolt Brecht "Cruzada de Crianças", um dos maiores acontecimentos editoriais do ano, no País.

Galeria Sístina

Desdobrando-se, em sua atividade, para Milão, a Galeria Sístina, que ali se inaugurou em outubro, na via Brera n.º 30, realizou, este ano, poucas exposições em S. Paulo. O nível de qualidade foi defendido, entretanto, com as exposições do belga Maxime van de Woestyne, a de Luigi Spacal, o grande gravador triestino, a do mexicano Alvaro Carrillo Gil, e finalmente a de Mauro Francini. Encerrou o ano uma exposição de Arte Decorativa, com vidros, cerâmicas, esmaltes, peças de aço, derivados de vária procedência européia.

PETITE GALERIA

Atravessando seu primeiro ano de atividades em S. Paulo,

a Petite Galeria abriu á ano com gravuras de Campigli, Portinari e Capogrossi. Coube-lhe realizar uma bonita exposição comemorativa do 40.º aniversário da Semana de Arte Moderna em que figuraram obras de Malafatti, Brecheret, Di Cavalcanti, Antonio Gomide, Moya, John Graz, Lasar Segall, Tarsila, Zina Aita, Haerberg.

Uma exposição de Di Cavalcanti, em abril, ensejou um largo contacto com esse mestre. A seguir, Maria Leontina ocupou toda a galeria. Seguiu-se uma exposição de Glaucio Rodrigues, Milton Dacosta e Ana Letyca, com óleo e gravuras, espuseram em julho. Seguiu-se uma exposição em que surgiram esculturas de Agnaldo, trabalhos de Thairé e aquarelas de Darel.

No mês de setembro a Petite Galeria destacou a obra de Arangelo Tanelli, seguindo-se obras do cervo. Uma exposição simultanea dos abstratos geométricos Willy de Castro e Hercules Barsotti encerrou o ano. Genaro está expondo agora seus ultimos tapetes.

O critico Pedro Manuel, que dirige a Galeria, realizou durante o ano dois cursos: Historia da Pintura Moderna e Introdução á Pintura Moderna.

NA GALERIA ASTREIA

A galeria mais central da cidade efetuou um programa bem movimentado durante o ano, e deve ter sido nos ultimos dois meses, nas duas ultimas exposições, aquela em que o registro de vendas dos artistas expostos foi ao mais alto grau — a Astreia vendeu tudo dos dois ultimos artistas de que promoveu mostras: Raimundo de Oliveira e José Paulo Moreira da Fonseca.

Abriu á ano a exposição de Lois Pink e Maria Antoneta, seguindo-se em fevereiro a de Souza Barros. A exposição Lazarini, em março, constituiu-se um bom exito, a que se seguiram duas excelentes demonstrações nacionais: Fukushima e Bonadei, cronologicamente separadas. Houve um interessante expositor latino-americano — Barrientos, seguindo-se a pintura de Gutlich. Flexor mostrou, a seguir, seus trabalhos mais recentes. As tapearias de Norberto Nicola e de Jacques Douchez abriram então seu claro luminoso na galeria. Seguiu-se a exposição de Marianne Overbeck, e uma mostra de cinco "primitivos", com quadros de mestre de José Antonio da Silva, e outros de Neuton, Americo, Jamaité e Antenor Vaz. Ainda um "santeliro", nas invenções de Raimundo Oliveira, a que se seguiu, encerrando o ano, a série das fachadas de José Paulo Moreira da Fonseca.

QUINZE EXPOSIÇÕES NA CASA DO ARTISTA PLÁSTICO

Abriundo á ano com uma exposição de Moby, esse estranho artista, a Galeria da Casa do Artista Plástico apresentou duran-